



## Memórias do *Urwald* no Brasil meridional: negociações e riscos da colonização florestal teuto-brasileira

Eduardo Relly<sup>1</sup>

**Resumo:** O assentamento de populações de origens germânicas no sul do Brasil é largamente dependente da colonização das florestas meridionais do bioma Mata Atlântica. Embora este seja um fato fundamental da história das colonizações do território brasileiro, poucas foram as análises dirigidas no sentido de se historiar a memória do espaço florestal em questão. Logo, este texto objetiva através de documentos como diários de imigrantes/descendentes, relatos de viajantes, literatura e outros, vislumbrar a floresta teuto-brasileira em torno da memória de *Urwald*, ou seja, enquanto uma construção socioambiental dos teuto-brasileiros desde o século XIX. Entre os teuto-brasileiros se verifica, frequentemente, a existência de uma memória florestal largamente conectada às ideias dos riscos, sacrifícios, superações e vitórias sobre o ambiente da mata; igualmente tal memória tangencia as experiências florestais dos atores migrantes ainda na dimensão da floresta centro-europeia. Este artigo explorará tais questões, no sentido de se erigir uma discussão acerca da memória do *Urwald* por meio de um exemplo concreto, solidificado em torno da Picada Essig, município de Travesseiro/RS, Brasil.

**Palavras-chave:** Urwald; Colonização Alemã; Memória; Mata Atlântica.

## Memories of the *Urwald* in Southern Brazil: negotiations and risks of German-Brazilian forest colonization

**Abstract:** The settlement of German-rooted populations in Southern Brazil was largely dependent on the forest colonization of southern Mata Atlântica biome. Although this fact is a cornerstone to the history of colonization of the Brazilian territory, just a few analyzes were carried out in order to historicize the social memories attached to the forested space. Therefore, this text seeks through different sources and documents like immigrants/descendants' diaries, literature, travelers' reports, and others, to glimpse the German-Brazilian forest around the memory of the *Urwald*, that is, while a socioenvironmental construction made by German-Brazilian communities since the nineteenth century. Among the German-Brazilians we often observe the existence of a forest memory largely connected to the idea of risks, sacrifices, surmounting and victory over the forested environment; At the same time, such a memory is closely related to the migrants' forest experiences linked to the dimension of the central European forests. This paper wants to explore such questions aiming at erecting the discussion about the memory of the *Urwald* through a concrete example, the Picada Essig community, located in Travesseiro, state of Rio Grande do Sul, southern Brazil.

**Keywords:** Urwald; German Colonization; Memory; Mata Atlântica.

<sup>1</sup> Graduado em História (Licenciatura Plena) pelo Centro Universitário Univates (Lajeado-RS), e Mestre em Ambiente e Desenvolvimento também pelo Centro Universitário Univates. Contemplado atualmente com uma bolsa CAPES-DAAD para Doutorado Integral na Freie Universität Berlin, Alemanha, na área de Estudos Latino-Americanos (Lateinamerika-Institut). É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari (RS), da Associação de Historiadores Latinoamericanistas Europeus (AHILA), da Deutsch-Brasilianische Gesellschaft (DBG) e da Gesellschaft für Pommersche Geschichte, Altertumskunde und Kunst E.V. Tem experiência na área de educação patrimonial, arqueologia, capital social, desenvolvimento regional-ambiental e imigração alemã ao Brasil. Seus interesses atuais estão direcionados ao exame da imigração alemã no sul do Brasil, principalmente sob o prisma da história ambiental e histórias cruzadas. Especificamente, objetiva compreender a circulação de saberes agroflorestais entre Brasil e Alemanha ocorrida nas áreas ocupadas por imigrantes alemães e seus descendentes a partir do século XIX no Brasil meridional. E-mails: [erelly@hotmail.com](mailto:erelly@hotmail.com) e [erelly@zedat.fu-berlin.de](mailto:erelly@zedat.fu-berlin.de)

## Introdução

A imigração germânica aos territórios meridionais do Brasil (a partir do século XIX) se constituiu num experimento humano de grande interesse aos historiadores das florestas, pois não somente os imigrantes construíram seus assentamentos em territórios dominados por matas de portes consideráveis, como os próprios colonizadores eram habitantes de áreas densamente florestadas nas Alemanhas<sup>2</sup> do século XIX (KANDLER, 1992).

De menor interesse entre os historiadores que se dedicam aos processos de memória é, entretanto, o espaço florestal. Esse foi negligenciado nas narrativas mnemônicas em comparação às edificações rurais e aos espaços urbanos e semiurbanos decorrentes da colonização teuto-brasileira ao sul do Brasil (RELLY, 2016). Embora os testemunhos de fontes diversas apontem para a presença obrigatória da floresta na vida das comunidades germânico-brasileiras até os dias correntes, esta é secundarizada diante de outras reminiscências no interior do debate acadêmico.

Quando de sua chegada aos portos e colônias brasileiras (durante boa parte dos séculos XIX e XX), muitos dos colonizadores teutos detinham uma dose elevada e significativa de conhecimentos relativos ao manejo de sistemas agrícolas e florestais. Em grande parte formada por contingentes de trabalhadores e trabalhadoras rurais, a migração ao território meridional do Brasil foi acompanhada por uma longa e intensa experiência da floresta centro-europeia enquanto um espaço ativo de agricultura e de atividades protoindustriais (ERNST, 2000).

No entanto, as florestas meridionais do Brasil apresentaram desafios novos aos experientes agricultores da Europa central. Tais desafios e negociações atinentes ao processo de americanização dos colonos teuto-brasileiros serão neste artigo explorados sob uma perspectiva de registro e exercício da memória histórica-social. Como unidade de análise, lançaremos mão – ainda que não exclusivamente – do estudo de uma pequena comunidade rural do estado do Rio Grande do Sul – a Picada Essig –, localizada no interior do município de Travesseiro/RS, situado na região do Vale do Taquari.

Nesse espaço, a partir da segunda metade do século XIX, as florestas locais foram paulatinamente ocupadas por colonos da Europa Central ou seus descendentes diretos; eles alteraram significativamente a paisagem, dominada até então pelo *Urwald*, conceito florestal comumente empregado pelas comunidades rurais teuto-brasileiras às florestas formadoras do Bioma Mata Atlântica. Ideia e realidade se chocam no *Urwald* e ele aparece como um lugar privilegiado de (re)significação de memória.

## Picada Felipe Essig: caracterizações e história da paisagem

A ocupação do território de Picada Felipe Essig pelos colonizadores de origem germânica ocorreu, inicialmente, a partir da segunda metade da década de 1870. O primeiro morador do local teria sido Felipe

---

<sup>2</sup> Uso o termo “Alemanhas” segundo o conselho de Dirk Hoerder ao apontar a diversidade da experiência social alemã, sobretudo antes do Estado nacional de 1871. HOERDER, Dirk. Losing National Identity or Gaining Transcultural Competence. In: HAUPT, H.-G.; KOCKA, J. (Org.). **Comparative and Transnational History: Central European Approaches and New Perspectives**. New York, Oxford: Bergbahn Books, 247-271.

Essig<sup>3</sup>, cujo nome inspirou a própria denominação da comunidade rural. Ele teria adquirido suas terras do empreendedor Frederico Adolfo Moog<sup>4</sup>, residente em São Leopoldo e, em 1875, Felipe Essig teria supostamente iniciado suas atividades nas terras de sua propriedade. Essas informações foram monumentalizadas pelos moradores da comunidade e também pelos descendentes de Essig, que construíram um espaço de memória comunal em honra ao pioneiro (ver Figura 1 a seguir).

Figura 1 - Obelisco ao pioneiro Felipe Essig. Picada Essig, Travesseiro/RS.



Fonte: o autor.

A partir dessa data, iniciou-se o povoamento mais intensivo dessa região (FUCHS, 2002). Caracterizada pela colonização privada, Picada Felipe Essig foi ocupada com base na iniciativa de pequenos e médios empreendedores e a colonização estatal não se operou nesses espaços — a não ser de modo indireto (AHLERT; GEDOZ, 2001).

A crônica da ocupação territorial de Picada Essig segue a mesma ritualização de tantas outras colônias teuto-brasileiras: trata-se do relato da vitória do homem civilizador contra a natureza intocada (CORREA, 2005). Esse é, ainda, um discurso proferido pelos moradores da comunidade, que o repetem e replicam para as novas e atuais gerações.

Floresta e natureza intocada, no entanto, não podiam caracterizar as matas ocupadas pelos teuto-brasileiros de Picada Essig. As florestas aí encontradas eram — pelo contrário — fruto de um longo passado de interação humana. Povos Guarani teriam vivido nessa região até pelo menos o século XVIII e os registros arqueológicos mostram assentamentos ocupados ininterruptamente por quase três séculos, um quadro que denota intensiva construção humana da paisagem (SCHNEIDER et al, 2007).

<sup>3</sup> Felipe Essig (1840-1895) era nascido em Idar-Oberstein, Principado de Birkenfeld, pertencente ao Grão-ducado de Oldenburg. Essa região se notabilizou pela exploração e indústria de gemas de pedras preciosas, formando um importante espaço econômico com o Rio Grande do Sul desde o século XIX.

<sup>4</sup> Fonte: Auto de Medição 2017, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Ademais, a história de Picada Essig não passa diretamente do passado indígena do território para a colonização teuta. Nas últimas décadas do século XIX, Joaquim Alves Xavier, vereador de Estrela/RS e comerciante de terras de sucesso, fundou a colônia Travesseiro e lá teria estabelecido décadas atrás ao assentamento de imigrantes ou descendentes de europeus não ibéricos, benfeitorias para exploração dos ervais nativos da região (CHRISTILLINO, 2010).

Embora documentemos interações humanas anteriores no território que posteriormente fora colonizado por alemães ou seus descendentes em Picada Essig, a presença de ervais<sup>5</sup> implicava, entretanto e geralmente, uma realidade de densa floresta. Logo, havia consideráveis desafios para o processo de assentamento de um grupo agricultor oriundo da Europa central. A atividade ervateira que marcou a economia rio-grandense no século XIX se realizava por meio de extrativismo e exigia a manutenção dos espécimes florestais. A erva mate era desconhecida dos agricultores e agricultoras europeus, assim como seu manejo; não havia repertório agrônomo na Europa que pudesse sedimentar uma tradição dos imigrantes alemães com a erva-mate. Mesmo assim houve inúmeros neófitos que, informados das possibilidades dos mercados locais e internacionais, ingressaram na economia extrativa ervateira ainda no século XIX, fazendo-o, por vezes, com grande sucesso. (GERHARDT, 2013).

Com efeito, os colonos teuto-brasileiros puderam quase sempre contar com os conhecimentos, experiências e trabalho das populações caboclas que viviam nas áreas próximas de seus assentamentos (LUEBKE, 1990). Esse fato foi de demasiada importância para se narrar o processo de manejo e intervenção na floresta. Na medida em que os colonos e colonas nascidos nas Alemanhas tinham filhos e filhas e, no território brasileiro, perfaziam sua educação como agricultores, diminuía-se as arestas da alteridade ambiental entre as populações germânicas e a natureza brasileira. Porém, de toda a sorte, colonizar uma região florestal exigia intensos sacrifícios pessoais e familiares. Pois ainda no século XX, a colonização teuta em Santa Catarina, Paraná, Paraguai e Argentina (nas áreas de predominância do bioma Mata Atlântica) produzia relatos de trabalhos hercúleos envolvendo as florestas e os colonos e colonas de origem alemã (NODARI, 2015).

Nesse sentido, como exemplifica a esposa do pioneiro Felipe Essig — Anna Katharina Essig —, boa parte dos colonizadores da localidade de Picada Essig provinha de alguma colônia mais antiga, principalmente de São Leopoldo e de seus arredores (BERSCH et al, 2006). O próprio Felipe Essig, pois era nascido na Europa, já havia tido suficientes encontros com a natureza e sociedade brasileiras, haja vista que veio criança ao Brasil. De certa forma, os colonos que chegaram às terras que mais tarde formariam a comunidade de Picada Essig detinham conhecimentos já experimentados acerca do funcionamento e operação dos ciclos biológicos da natureza rio-grandense (FERLA, 2009). O próprio conhecimento aplicado ao desmatamento e formação de terras cultiváveis atenuou os impactos da “luta” contra a floresta, diminuindo e amenizando as demandas sociais de uma sociedade em processo de instalação e viabilização econômica e comunitária.

Nesse sentido, as pessoas que se dirigiram à Picada Essig reproduziram as formas de ocupação e gestão territorial dos imigrantes pioneiros (DREHER, 2005), aqueles que ocuparam as franjas dos rios do Sino e Caí e que paulatinamente foram subindo os vales dos rios Jacuí e Taquari. Esses imigrantes

<sup>5</sup> Segundo Paulo Zarth (2012, p. 60) os ervais eram assim descritos por um engenheiro em missão de reconhecimento do território em 1859: “a erva se apresenta em ceboleiras ou manchas (...) em toda essa extensão, e onde essas ceboleiras são maiores e mais puras, isto é, onde predomina quase exclusivamente a árvore do mate torna-se um erval”.

pioneiros, por sua vez, trouxeram ao Brasil a dimensão da experiência da floresta centro-europeia (principalmente aqueles que eram agricultores e artesãos moradores de pequenas aldeais) e por um processo de transferência cultural<sup>6</sup> negociaram as fronteiras das alteridades ambientais entre as Alemanhas e o Brasil. Neste particular método, uma memória social da floresta europeia era inescapável. Ela era o *Wald*, a floresta que Elias Canetti, em *Masse und Macht*, descreveu como próxima a um exército ordenado e em marcha; ordem, limpeza e verticalidade em oposição à desordem das lianas e cipós da floresta tropical, do *Urwald* brasileiro em que

die Sauberkeit und Abgegrenztheit der Bäume, die Betonung der Vertikalen, unterscheidet diesen Wald von den tropischen, wo Schlinggewächse in jeder Richtung durcheinander wachsen. Im tropischen Wald verliert sich das Auge in der Nöhre, es ist eine chaotische ungegliederte Masse, auf eine bunte Weise belebt, die jedes Gefühl von Regel und gleichmäßiger Wiederholung ausschließt<sup>7</sup> (1992, p.191).

A projeção de tal ambiente deitou marcas profundas na cultura rural teuto-brasileira. Canetti associa à natureza tropical, o desenvolvimento de forças eminentemente naturais, desprovidas, de algum modo, de humanidade. Radicalmente diferente lhe parecia o *Wald* da Alemanha, pois ela detinha um espírito lógico e eminentemente social. Logo, o *Urwald* do Brasil meridional – e por isso também o de Picada Essig – criou um espaço memorial dos sacrifícios, do esforço e da vitória do homem branco civilizado sobre a natureza. É uma memória da “presença intervencionista do homem na natureza”, da correção humana sobre os excessos de Deus. A existência e exercício dessa memória se constituíram, principalmente, por meio do signo do desafio e do risco.

Picada Essig, logo nos alvares de sua colonização pelas mãos teuto-brasileiras, era uma comunidade em formação, uma tentativa de viabilização da vida humana. Logo, um assentamento rodeado pela floresta subtropical, pelo *Urwald*, era um espaço de riscos. A memória da comunidade, seja por meio da oralidade quanto por intermédio da monumentalização de sua história testemunham e realçam este aspecto.

Os riscos de uma sociedade em processo de instalação, no caso da cultura teuto-brasileira, diziam respeito principalmente aos aspectos da sobrevivência física, nutrição, saúde, moradia e a formação das instituições que caracterizavam uma comunidade. A instalação de uma nova picada teuto-brasileira sempre configurava uma sociedade cercada de riscos múltiplos. “Não preciso repetir a descrição do começo de uma dessas colônias. É uma vida dura!”, exclamava Avé-Lallemant (1980, p. 379) em 1858, surpreendido pelos desafios do colono teuto no sul do Brasil.

### A picada e seus riscos: elementos da memória florestal teuto-brasileira

Em todos esses aspectos vigorava primeiramente a “sombra” da floresta brasileira. Ela era o grande, o primeiro e o principal problema de ordem pública para a comunidade em formação. Do domínio da mata dependia a satisfação das primeiras necessidades e a amenização dos riscos sociais mais ameaçadores.

<sup>6</sup> Usamos este termo sob a perspectiva de Michel Espagne. Ver mais em: ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, v. 1, p. 1–9, 2012.

<sup>7</sup> “A limpeza e a delimitação das árvores, a ênfase das verticais, diferencia-se esta floresta daquela dos trópicos, onde lianas crescem em toda direção e de modo confuso crescem. Na floresta tropical o olho perde o detalhe, é uma massa caótica, indistinta, de tipos muito coloridos, que exclui todo o sentimento de regra e repetição”. (Tradução do autor).



Neste sentido, quando o colono e a colona de língua alemã precisaram adentrar à floresta e tomar plena posse de sua propriedade, uma nova forma de organização social passou a vigorar no Brasil: a picada teuto-brasileira. Ela nasceu do embate entre o colonizador teuto e a floresta. Como categoria sociológica, a picada buscou sanar os problemas públicos que afligiam os colonos no início da colonização e viabilizar as novas comunidades. A partir disso, ou seja, da ideia de uma identidade de floresta centro-europeia em contraposição a uma floresta selvagem – o *Urwald* brasileiro – emergiram temas, cenários e narrativas memoriais que passaram a integrar o repertório identitário das comunidades rurais teuto-brasileiras.

O primeiro ato colonizatório era proceder ao desmatamento. Bublitz (2008, p. 331) informa que inicialmente

[...] quaisquer que fossem os sentimentos nutridos pelos recém-chegados em relação à mata, uma questão prática passava a ser fundamental e prioritária a partir do momento em que punham os pés na fronteira verde: eles precisavam aprender a derrubar a floresta e a lidar com a terra sob a vegetação, por uma questão de sobrevivência [...] A situação agravava-se [...] porque lhes faltavam ferramentas, alimentos, dinheiro e conhecimentos a respeito dos recursos que a natureza poderia oferecer-lhes. Em outras palavras, os alemães viam-se obrigados a aprender, o mais rápido possível, a desbravar - e esse foi o primeiro passo (e talvez o mais difícil) do seu processo de americanização. Assim que recebiam os seus lotes, precisavam agir rápido para garantir o futuro – e muito mais o presente.

A floresta foi, ao mesmo tempo, a morada do risco, do pavor, mas também o lugar do novo, da inventividade, da picada teuto-brasileira. É, além disso, um aprendizado doloroso, uma luta que conjugava não só as forças físicas, mas também as psicológicas:

Decerto quando se põe um homem com o machado e a mecha diante da mata virgem e se lhe diz: ‘isto deves tu arrasar’, não compreendo como ele tenha ânimo de dar o primeiro golpe! Menos, porém compreendo ainda como, no mesmo local da mata, anos depois ou ainda em menos tempo, já ali cresce o que o alimenta a ele e a sua família (Avé-Lallemant, 1980, p. 184).

Avé-Lallemant, um médico da cidade hanseática de Lübeck e viajante inspirado nos heróis científicos alemães do século XIX, expressa uma perplexidade invulgar ao se referir ao estado de ânimo do homem-fronteira teuto-brasileiro. Em verdade, na literatura especializada em geral, parece haver uma subestimação<sup>8</sup> da complexidade do processo de desmatamento. Não há dúvida de que as ciências humanas tenham ressaltado as penas do imigrante diante da mata, haja vista a mitologia em torno do “colono que traz progresso”, tema que anima o interior do sul do Brasil em forma de *Oktoberfests*, festas de tiro, arquitetura enxaimel e a ideia de gastronomia colonial “típica”, mas salienta-se aqui a dificuldade e a complexidade de se descrever a operacionalização dos métodos e os arranjos sociais que presidiram os arroteamentos, eles mesmos um aspecto importante da memória do trabalho na floresta.

Talvez nenhum relato seja tão elucidativo e pungente quanto o do imigrante Josef Umann, súdito do Império Austríaco e emigrado dos Sudetos tchecos, falante de língua alemã, aportado no Brasil em 1877, época em que se iniciava a colonização de Picada Essig. Umann era um trabalhador da tradicional indústria vítrea daquela região e se instalou na comunidade de Linha Cecília, atual Venâncio Aires/RS, para fugir da miséria de sua terra natal. Linha Cecília localiza-se numa área muito próxima à Picada

<sup>8</sup> Subestimação que se refere ao caráter quase automático, “natural” e heroico do desmatamento. Desmatar, construir, plantar (novas culturas) não são processos evidentes, tampouco simples, pois carecem de conhecimentos técnicos e naturais que, frequentemente, não estavam totalmente sob o controle dos colonos.

Essig e, cremos, que as experiências de Umann podem ser estendidas às regiões circundantes sem graves prejuízos.

Este eloquente relato do desbravamento de uma colônia recém-fundada perpassa em grande parte toda a sorte de desafios dos indivíduos que apostavam suas vidas nas colônias teuto-brasileiras. As dificuldades de Umann são acentuadas pelo fato de ser ele totalmente inexperiente no que toca aos trabalhos de tipo agrícola e também ignaro da natureza do ambiente receptor.

Em Picada Essig, geralmente, indivíduos mais experimentados formaram a comunidade, cabendo esta ressalva ao relato de Umann quando emprestado à localidade que é objeto desta pesquisa. E deste modo narra Umann (1997, p. 57) sua vida na mata:

A escura floresta virgem com suas árvores colossais e a impenetrável vegetação rasteira que tínhamos de conquistar palmo a palmo, abrindo caminho com facão, exigia de nós um serviço árduo e não habituado. [Um ano antes de iniciar o desmatamento intensivo] veio a penúria e o mais estritamente necessário foi pedido emprestado junto a colonos mais antigos, para ser devolvido na próxima safra.

O texto ilustra o tipo de natureza enfrentada pelos colonizadores e descreve os próprios métodos e situações concretas relativas ao desmatamento. Derrubar árvores exigia primeiramente o domínio e controle do cipó. Além disso, era comum que os cipós impedissem a derrubada das grandes árvores, causando embaraços ao trabalho e enormes esforços para a concretização das tarefas.

Vogt (2006, p. 129) ao citar uma passagem do *Festschrift zum 50 jährigen Jubiläum der Linha Isabella* exemplifica igualmente o complexo processo de desmatamento

Lá (na Europa) nós o imaginávamos bem diferente. Pensávamos que quando a árvore estivesse cortada em baixo, ela cairia: completamente errado. Estavam (as árvores) na maioria entrelaçadas nos ramos por cipós e nem havia hipótese de queda na mata virgem e tramada. Muitas vezes foi necessário cortar até 10 árvores antes que tombassem.

O desconhecimento da natureza rio-grandense provocou uma necessária adaptação dos povos de origem germânica a uma nova realidade de corte florestal. Era preciso criar estratégias de derrube em razão dos novamente citados cipós. Operacionalizar o desmatamento não se constituía numa atividade cega e febril dos golpes do machado e do facão. Foi preciso calcular, planejar, aprender a evitar o esforço desnecessário, pois as fontes de energia humana também não eram abundantes.

Misteriosas aos olhos das populações teuto-brasileiras, as espécies de árvores que configuravam um lote rural tendiam a ser um grande obstáculo aos colonos e colonas. A qualidade da madeira, a resistência e os métodos de corte e derrube eram dificultados pela confusão da biodiversidade e de sua identificação no momento do arroteamento. Os imigrantes e seus descendentes tinham de aprender a manejar este novo mundo natural (KLUG, 2010).

A metodologia de desmatamento dos imigrantes alemães seguiu as práticas indígenas e caboclas, ainda que suas consequências apresentassem resultados diferentes (ZARTH, 2012). Após o desmatamento, Robert Avé-Lallemant (1980, p. 175) descreveu parcialmente horrorizado os cenários de devastação que presenciou. Notou a utilização do fogo após o processo de derrubada da mata, técnica nativa conhecida como coivara, modo de preparação da terra empregada pelos imigrantes alemães de acordo com a influência e tradição da agricultura brasileira praticada pelos povos indígenas e comunidades caboclas. E assim o

médico de Lübeck descreveu a paisagem de coivara teuto-brasileira:

[...] no meio do quadro das frescas e verdejantes culturas, tudo é brutal e cruel destruição. Em toda parte troncos de árvores meio carbonizados e cinzentos – restos do voraz incêndio da mata na floresta semitostada! Só depois de muitos anos apresenta um desses estabelecimentos coloniais um quadro de paz tranqüila, de repouso ordenado, de amenidade exterior. [...] haviam abatido uma fogueira em Rio Pardinho para consumir as árvores abatidas na floresta. Bela madeira! O fogo chamejava alto. O calor erguia violentamente as labaredas e, com elas, grandes fragmentos ardentes que voavam com o vento para a mata e lá se apagavam, crepitando. O que aqui a civilização fazia era uma fantástica e lamentável obra de incendiário.

E a coivara também precisou ser aprendida através dos conhecimentos dos lavradores nacionais (ALVIM, 1997). Neste sentido, Josef Umann (1997, p. 57) relata suas dificuldades e as de outros colonos para o controle da operação de coivara:

Também esta [a próxima safra] saiu muito mal, pois não houve dia mais propício para a coivara, por causa das chuvas contínuas que caíram após o desmatamento [...] também nós quatro vizinhos havíamos desmatado nossas roças, e não pudemos aguardar tempo favorável à coivara. Colocamos fogo cedo demais, pelo que trechos do roçado queimaram mal ou nem pegaram fogo. Eu particularmente tive grande prejuízo, em tempo e colheita.

Umann comunica uma grande dificuldade por parte dos colonos na compreensão do ciclo natural do clima e dos processos de desmatamento da floresta. Chama a atenção para o problema do fogo e a sua adequação ao melhor clima. O desconhecimento de operacionalização da coivara poderia desgraçar e retardar o desenvolvimento das necessidades básicas das famílias em instalação. Umann se queixou de seu prejuízo em “tempo e colheita”, sendo o primeiro uma dimensão fundamental para indivíduos deslocados e ávidos de algum nível de segurança. O próprio descontrole do fogo também poderia causar grandes danos ao prazo colonial, pois poderia atingir as modestas instalações pioneiras e as choupanas e alojamentos que abrigavam os colonos.

Os desafios da floresta tampouco mudaram significativamente com o passar das décadas. Mesmo no tecnológico e movido à combustível fóssil século XX, a floresta ainda detinha seus segredos e perigos. Schauren (2011, p. 209), num exemplar trabalho de memória familiar, ao relembrar seus tempos de juventude no oeste de Santa Catarina durante a década de 1950, afirma sobre sua experiência como desbravador:

Era uma tarefa difícil, pois a mata era muita fechada. O trabalho era feito com foice, machado e uma serra grande, de aproximadamente dois metros de comprimento, puxada a dois [...] lembro que algumas dessas madeiras, como a guajuvira e o alecrim, têm um cerne muito duro e resistente. Parece ferro. Aliás, o cerne do alecrim, mesmo depois de seco, tem peso quase equivalente ao do ferro.

A resistência mecânica da madeira e sua densidade dependendo da felicidade/infelicidade do colono também o atrasava como desbravador. Mas os riscos das florestas também podiam ser expressos pela exposição direta dos indivíduos nestes ambientes. Assim, o trabalho do desmatamento em si, independente das suas consequências nos aspectos da segurança alimentar, da saúde das pessoas e da formação de uma nova vida comunitária, era um vetor de extrema periculosidade aos trabalhadores das matas.

Nodari (2012, p. 44) num questionário sobre a destruição das florestas estacional decidual e ombrófila mista no oeste do estado de Santa Catarina aplicou questionários aos colonos pioneiros e seus descendentes perguntando: “Quais as dificuldades encontradas no início da colonização? A derrubada do mato e a falta de estradas aparecem como as principais respostas”.



Por conseguinte, a exposição dos trabalhadores no ambiente florestal produzia um número considerável de acidentes (KLUG, 2010). O perfil mais usual do acidentado na floresta, quando do arroteamento, era o homem em pleno gozo de suas capacidades laborais. Os acidentes devastavam as famílias, pois além da dor da perda de um ente querido, eles significavam um fundamental decréscimo de energia e trabalho humano.

Bersch et al (2006, p. 203) numa obra de genealogia e memória familiar relata o drama de Johann Brod, morador do interior de Arroio do Meio/RS (município mãe de Travesseiro/RS, atual localização de Picada Essig) que teve a vida ceifada em 1911 pelos trabalhos na mata. Ainda que relativamente experiente nas lides do desbravamento, Johann Brod sucumbiu a um acidente que, infelizmente, não era raro nas comunidades em deslocamento: o esmagamento e morte por quedas de troncos e galhos de árvores. Por mais trivial que possa parecer, este acidente laboral privou da vida muitos colonos incautos e também peritos. A segurança no ambiente das matas quando de seu arroteamento dependia dos conhecimentos dos trabalhadores sobre as espécies que estavam derrubando. Diferentes estratégias eram utilizadas para a derrubada específica das árvores. E assim ocorreu o acidente, narrado por Eugen Brod:

O Hannes e o Kreitzpath, que por essa época morava com o tio, foram derrubar uma árvore. Otto acompanhou-os. Derrubei muito mato e sei: para tombar uma árvore, abre-se com o machado, um entalhe profundo do lado para onde ela deve cair. Depois, com a serra, corta-se o tronco do outro lado, um pouco acima, para que, ao quebrar, ele se incline na direção desejada. Eles erraram ao entalhar o tronco apenas superficialmente. Era um angico bem copado e coberto de enorme cipóal. Quando a serra alcançou o meio do tronco, em vez de este quebrar na altura do entalhe e tombar na direção imaginada, inclinou-se para o outro lado, preso aos cipós, e abriu-se e rachou de baixo para cima. Com o peso da copada, quebrou e projetou-se de ponta para baixo, para o lado em que estavam os tios. Tio Peter e Otto conseguiram esquivar-se mas o Hannes tropeçou e foi colhido pelo tronco na altura da bacia. Foi esmagado e quase enterrado no chão [...] a bacia e a perna estavam esmigalhadas.

Schauren (2011, p. 211) dá outro exemplo da perigosa exposição dos trabalhadores dos desbravamentos. Em suas memórias rememora a ocasião em que seu pai por pouco não foi vitimado pelos perigos do corte da floresta:

Foi durante a tarefa de derrubar mato que aconteceu um incidente com o meu pai. O pai e meus irmãos Roque e Adélio foram de manhã cedinho derrubar mato [...] mais tarde, pelas 9 horas, minha mãe levava café. Após tomarem o café, meus irmãos retomaram o trabalho, enquanto meu pai, com vontade de fumar, resolveu fabricar um “palheiro” [...] Meu pai sentou sobre o tronco de uma árvore que estava derrubada sobre outro tronco de árvore já caída. Assim, esta árvore ficou com a parte da copa levantada. Estava ele entretido, picando o fumo para seu palheiro, quando meu irmão Roque derrubou uma enorme árvore que, ao tombar, caiu sobre a copa levantada da árvore na qual o pai estava sentado. Quando deu o estouro, meu pai foi catapultado como um foguete a vários metros de altura e acabou caindo no meio da copa de uma outra árvore derrubada.

Ainda como lembrança dos bravios primeiros tempos, Umann (1997, p. 62) rememora a vitória sobre a fronteira verde baseado nos aprendizados que foram necessários para o controle da floresta. Porém destaca novamente as dificuldades encontradas explicando razões que contribuíram para os primeiros fracassos.

A mata virgem aos poucos se tornou mais rala. Pastagens (potreiros) foram demarcadas; construíram-se as primeiras moradias de madeira, com tábuas falquejadas pelos próprios colonos. A população jovem já podia se divertir dançando sobre chão de tábuas, em vez de pisotear, como até então, a mãe terra com os pés descalços. Tudo isto tinha de ser aprendido, e nos custou, no início, muito tempo de aprendizado, a nós operários de fábricas que desconhecíamos a

arte de serrar tábuas, fazer cercas, lascar ripas de madeira para telhado, construir choupanas e galpões e muitas outras atividades, na maioria pesadas e fatigantes. Poucos de nós haviam trabalhado na agricultura na velha pátria, e mesmo para estes as atividades aqui no mato aprestaram-se de maneira totalmente nova, de sorte que muitas vezes precisavam dispor de tanto ou mais aprendizado que os outros, pois empregavam aqui mesmos métodos usados na pátria, o que lhes dava prejuízo e fazia perder tempo precioso.

Umann destaca a incompatibilidade dos conhecimentos agroflorestais daqueles colonos de origem rural quando expostos às novas realidades do *Urwald*. Deveriam eles aprender mais do que aqueles que nunca tinham trabalhado nas lides agrícolas, pois os processos e métodos agrícolas não ocorriam da mesma forma. O tempo precioso que fala Umann é o tempo da viabilidade da sobrevivência familiar, do risco da doença e da desnutrição, da morte que espreitava os colonos quando suas primeiras culturas fracassavam.

Conrad (2002, p. 13) aproxima os exemplos levantados até aqui da realidade histórica de Picada Essig. Usando da metodologia de animação de desenvolvimento rural conhecida como “Diagnóstico Rural Participativo”, o autor evoca a memória local da comunidade – reunida em assembleia – com o fim de propor soluções aos seus problemas. Ao perguntar sobre os principais desafios enfrentados pelos pioneiros de Picada Essig, os moradores responderam que seus pais e avós falavam que o “desmatamento das florestas nativas, uso da queimada, pesca predatória no rio, perseguição de animais silvestres e a expulsão dos índios” eram os principais problemas da comunidade em formação.

Comunidades de risco em maior ou menor grau variaram na história dos assentamentos alemães no Rio Grande do Sul e em outros estados. Picada Essig parece, entretanto, não ter sido um exemplo extremo, pois boa parte de seus moradores já eram experientes ou pelo menos familiarizados atores das matas do Brasil meridional. Mas não se pode descurar que ainda por volta da metade do século XX<sup>9</sup>, principalmente em Santa Catarina e no Paraná, desmatar e criar uma nova comunidade era ainda uma tarefa de grandes desafios, que exigia determinadas *expertises*.

Ademais, a conversão da floresta em área agricultável demandava, com frequência, viver na floresta. O problema da moradia se constituiu num fator de instabilidade para as comunidades teuto-brasileiras em instalação e exigia negociações dos padrões construtivos entre os dois continentes. Weimer (2004, p. 116) afirma que o impulso arquitetônico dos imigrantes, efetivou-se “num meio adverso e desconhecido, que se centra num mesmo e exemplar pragmatismo adaptativo”.

Não se tratava obviamente de um problema restrito exclusivamente à moradia familiar, mas também aos modos de se erigir uma comunidade humana que viesse a satisfazer as identidades de sociabilidade em termos de estrutura de assentamento. Com efeito, condicionados até certo ponto pelos desenhos dos agrimensores que dividiram a paisagem em lotes agrícolas ortogonais, os teuto-brasileiros tiveram de reinventar seu relacionamento com os lugares da moradia, do local do trabalho, da sociabilidade e, o mais importante, da própria comunidade. Desta forma, na realidade teuto-gaúcha, rompia-se parcialmente a secular organização do sistema de aldeias vigente nas Alemanhas de origem – o *Haufendorf* (aldeia – monte ou ponto) do Hunsrück, o *Strassendorf* (aldeia-rua) da região vestfaliana e médio-renana e o *Rundling* (ar-

<sup>9</sup> Tempo em que a colonização era quase *totalmente* dirigida por empresas colonizadoras. Além disso, a entrada de novas ferramentas de trabalho (motoserra) e transporte (caminhões e tratores) facilitou o processo de desmatamento, aumentando o poder dos colonos sobre o ambiente encontrado

rendondado) pomerano (WEIMER, 1983). Diferentemente da experiência medieval das Alemanhas – uma era de grandes arroteamentos florestais no espaço cultural de fala alemã (KÜSTER, 2013) – o corte das florestas no Brasil só raramente originou aldeias nucleadas. O agricultor teuto-brasileiro logo cedo percebeu que não poderia viver num *Dorf*, ou seja, numa aldeia. Mas Luecke (1990) e Waibel (1949) perceberam similaridades dos assentamentos resultantes da formação das picadas teuto-brasileiras com o modelo de *Waldhufen*, este também resultante da colonização alemã de florestas no leste europeu verificada desde a Idade Média, no processo conhecido como *Ostsiedlung* (PISKORSKI, 2008).

Em termos da moradia propriamente dita, a mata ofereceu desafios e oportunidades. E ela também marcava o discurso de triunfo sobre o ambiente florestal. A precariedade das instalações pioneiras do colono e de sua família abriam oportunidades para uma série de questões envolvendo saúde, identidade e memória.

As choupanas ou barracões de precária qualidade não tinham condições de proteger os colonos contra a fauna local, por exemplo (CORREA; BUBLITZ, 2006). Bublitz (2008, p. 327) afirma que

[...] em uma carta datada de 27 de novembro de 1850, o sub-diretor da colônia alemã de Santa Cruz, Evaristo Alves D'Oliveira, escrevia sobre um desses perigos ao presidente provincial, José Antônio Pimenta Bueno. Oliveira (1850) registrava que “tigres incomodarão nas habitações, matando os cães, que se achavam presos em correntes” e que, diante do pavor experimentado pelos colonos, procurou “evitar que eles deixassem suas famílias expostas às feras”.

Avé-Lallemant (1980, p. 188) lembrou em suas viagens pela colônia Santa Cruz no Rio Grande do Sul imperial da história de um homem que teve um desagradável encontro noturno: “à noite despertou um velho seleiro com forte pressão na cabeça: era a pata de uma onça!”. Não só grandes animais incomodavam os colonos, mas insetos como pernilongos, carrapatos, a taturana, barbeiros, aranhas, entre outros, tinham acesso às primeiras e débeis habitações dos colonos. Répteis como as cobras faziam parte dos pesadelos dos colonos em instalação no *Urwald*.

Durante a noite, a moradia das famílias de colonos não era exatamente um refúgio seguro. Dean (1996, p. 29) alerta que a espécie humana nas florestas que perfazem o bioma da Mata Atlântica é praticamente indefesa sem a presença de “mosquiteiros, redes e fogueiras”. O uso do fogo nas proximidades da moradia era uma necessidade básica, haja vista que espantava animais de maior porte e os mosquitos.

Mas havia um risco adicional para o imigrante embrenhado nas matas: a sua descaracterização enquanto ser comunitário. Vale lembrar que as aldeias alemãs no decorrer do século XIX e XX foram tematizadas no discurso sociológico-acadêmico da zona de cultura alemã na Europa. Ferdinand Tönnies (1920) levantou a questão entre a comunidade (*Gemeinschaft*) e a sociedade (*Gesellschaft*), a primeira sendo o espaço de sociabilidade, do afeto, da solidariedade e fortemente atrelada ao espaço de aldeia rural e a segunda como palco do cálculo frio, das relações humanas contratuais, do individualismo e conectada ao espaço urbano industrial capitalista. Para além da polemica do pensamento de Tönnies e a balbúrdia que ele ainda provoca entre historiadores, filósofos e políticos alemães, o *Dorf*, a aldeia rural das Alemanhas, materializava em grande medida as identidades de sociabilidade das populações que migraram ao Brasil.

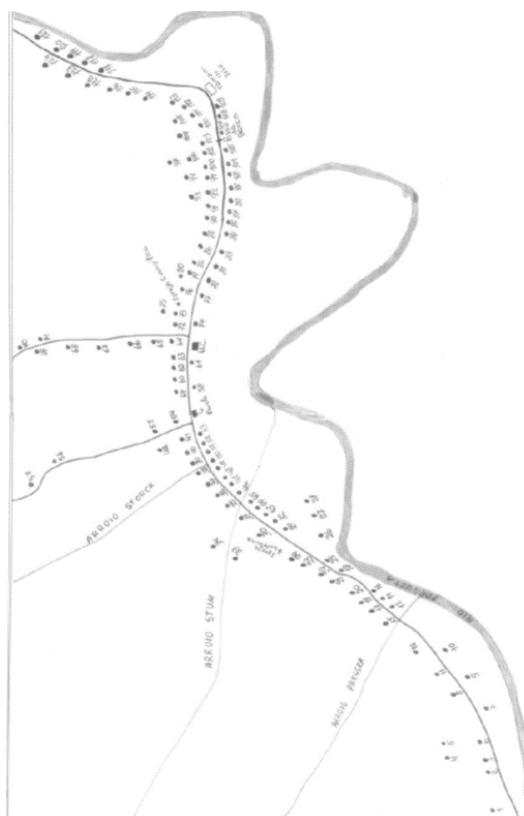
As necessidades e riscos do tempo pioneiro fizeram com que Jean Roche (1969) pensasse, num primeiro momento, numa deterioração cultural dos imigrantes. Atomizados em seus lotes, os colonos e colonas teriam corrido sérios riscos de embotar seu cabedal comunitário, artístico e educacional, pois estariam

nas portas de um processo de quase animalização e fusão com as forças naturais do *Urwald*. Desta forma, o processo de americanização dos povos teutos no Brasil passaria inevitavelmente pelo seu rebaixamento civilizatório-comunitário. Para Roche, os teuto-brasileiros, num primeiro momento embrutecidos na mata e rodeados de selva, não lhe pareciam agentes capazes de cultura. Estavam perdendo-a na medida em que se “abrasileiravam” e se “desgermanizavam”.

A fama do geógrafo francês não impede, entretanto, que seja possível imaginar uma perspectiva contrária. Pois as instituições, os valores, as formas de sociabilidade e o modelo econômico do mundo colonial teuto-brasileiro surgem neste exato contexto, num processo híbrido que contempla as imposições sociais e ambientais do ambiente receptor e a criatividade deste grupo social na formulação do seu destino. Roche equivocou-se.

De toda a forma, viver numa colônia florestal brasileira, numa *Urwaldskolonie*, contemplava diferenças significativas em termos de identidade comunitária quando comparada ao assentamento aldeão das Alemanhas. Embora nas picadas teuto-brasileiras a sociabilidade tivesse se estabelecido pelo sistema de vizinhança (Weimer, 1988), cuja expressão espacial é o “habitat em fileiras” (ROCHE, 1969, p. 209), Klug (2010, p. 309) argumenta que a paisagem florestal impenetrável atuava no sentido de impedir a visualização de uma sociabilidade viável nas colônias teuto-brasileiras. O mesmo autor cita também que o componente “medo” era um forte fator de desestabilização psicológica dos colonos que habitavam nas matas, pois normalmente uma família podia se encontrar “num raio de algumas milhas” sem perceber a presença de vizinhos.

**Figura 2** - Rio Forqueta e croqui de Picada Essig (2002) em Travesseiro/RS. Evidencia-se aqui o “habitat em fileiras”, o sistema de *Waldhufen* e a formação espacial da vizinhança.



Fonte: (CONRAD, 2002, p. 28).



Figura 3 - Cemitério florestal (*Urwaldsfriedhof*) de Picada Essig (2013). Mesmo situado em meio a um potreiro em propriedade particular, o *Urwaldsfriedhof* é um importante espaço de memória comunitária. É também um símbolo das privações e sacrifícios dos colonos diante do *Urwald*.



Fonte: o autor.

### Conclusão: por uma memória do *Urwald*

Ao se enfatizar toda a sorte de dificuldades que costumava acompanhar a emergência de uma comunidade teuto-brasileira, não existe a pretensão de se reforçar ou recriar a mística dos heróis civilizadores; tampouco queremos compor um discurso apologético das populações teuto-brasileiras que tradicionalmente vigora na literatura e na mente de muitas pessoas. Objetiva-se, destarte, chamar a atenção à expressão de uma memória teuto-brasileira rural, fortemente ancorada na narrativa da vitória do esforço e do trabalho humano sobre uma imaginada natureza selvagem e hostil.

Tomando como exemplo a comunidade rural de Picada Essig em Travesseiro/RS, e extrapolando o recorte geográfico por meio da unidade do bioma Mata Atlântica do Brasil meridional sempre que possível e necessário, percebemos a durabilidade do discurso adâmico da natureza e de como, no decorrer do tempo, se operacionalizou a apropriação ambiental das florestas sul brasileiras.

Duzentos anos depois dos primeiros imigrantes germânicos pisarem no país, observamos por meio de viajantes, acadêmicos, artistas e, sobretudo, entre os próprios colonos e seus descendentes, a centralidade do *Urwald* como forma de delimitar um certo lugar social. Advertidos por Seyferth (2004) na medida em que ela analisou a projeção de espaços culturais discursivos para a formação, conservação e propagação de um ideal liberal-nacionalista burguês baseado na experiência rural dos colonos teuto-brasileiros enquanto atores alienígenas e ao mesmo tempo “transformadores” da natureza brasileira, devemos questionar os usos e estratégias da memória do *Urwald* enquanto uma metáfora do poder.

Pois, a memória da floresta teuto-brasileira se mostra plena de omissões, esquecimentos e seleções. Lembramos no início deste texto da humanidade da floresta antes e durante as migrações. Não havia floresta pristina em Picada Essig e no sul do Brasil como um todo; índios, caboclos, escravos negros e trabalhadores livres usavam e viviam na floresta. A imigração de alemães e outros povos europeus não ibéricos para as matas do Brasil meridional não passou de um projeto para esta floresta no meio de tantos outros.



A ideia de um “antes” florestal dominado pela natureza e pelo selvagem e de um “depois” marcado pela europeização do território é um dos elementos mais persuasivos e poderosos da identidade de muitas comunidades rurais teuto-brasileiras. E isto poderia ser discutido tanto nas salas de aula quanto nas políticas de patrimônio cultural.

Buscamos introduzir a temática do *Urwald* enquanto um espaço de memória a ser analisado em toda a sua complexidade. Os esquecimentos do *Urwald* face às populações espoliadas pelo projeto de substituição de mão-de-obra escrava no Brasil do século XIX, bem como pela solidificação das fronteiras políticas meridionais do Brasil frente a uma região platina instável, merecem ser destrinchados no sentido de se extrair vetores de poder e exclusão.

Além disso, a difusão do ambientalismo enquanto uma cultura de massa toma lentamente fôlego nos pequenos centros urbanos e afetam a própria ideia de natureza atrelada ao *Urwald* nas comunidades rurais interioranas. Muitos jovens estão frequentando a universidade, há internet e smartphones no interior e assim, novos atores passam a questionar as narrativas fundantes da identidade de grupo atinente ao lugar social de seus pais e avós. A “ecologização” do *Urwald* e a participação do local na agenda globalista do meio ambiente prometem novas transformações, significados e vetores de memória às matas da Mata Atlântica do Brasil meridional.

## Referências

- AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001.
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando (Org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia das Letras, v. 3, p. 215-287, 1997.
- BUBLITZ, Juliana; CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Terra de Promissão**: Uma Introdução à Eco-História da Colonização do Rio Grande do Sul. Santa Cruz: Edunisc; Passo Fundo: UPF editora, 2006. 142 p.
- BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. XI, n. 2, p. 323-340, 2008.
- BERSCH, Roque Danilo et al. **Ondas de migrantes**: crônicas de 138 anos de Brod no Brasil: vida, obra, escritos. Lajeado, RS: Univates, 2006.
- CHRISTILLINO, Cristiano. **Litígios ao sul do Império**: a Lei de Terras e a consolidação política da Coroa (1850-1880). 2010. 350 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Filosofia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.
- CONRAD, Paulo Francisco. **História da colonização da comunidade de Picada Felipe Essig e características da agricultura familiar ali desenvolvida**. 2002. 38 f. Monografia (Especialização). Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, UFRRJ, Seropédica, RJ.
- CORREA, Silvio Marcus de Souza. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 227-269, jan./dez, 2005.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 484 p.
- DREHER, Martin N. Os 180 anos da imigração alemã. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória**: 180 anos de imigração alemã: Teutônia e Westfália/RS. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 11-31.

ERNST, C. **Den Wald entwickeln**. München: Oldenbourg, 2000. 418 p.

FERLA, Josélia Jantsch. **Helma Bersch e o ensino de música no contexto da imigração alemã católica do Vale do Taquari**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

FUCHS, Willy. João Fuchs: perfil de um pioneiro teuto-riograndense (1831-1908). In: **Anais do IV e V Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras**, 2002, Lajeado. Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras, 2002, p. 97-103.

KANDLER, Otto. Historical declines and diebacks of central European forests and present conditions. **Environmental Toxicology and chemistry**, v. 11, p. 1077-1093, 1992.

KLUG, João. Imigração alemã, agricultura e meio ambiente no sul do Brasil no início do século XX. In: MUGGE, Miquéias H.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria (Orgs.). **Construindo diálogos: história, educação e ecumenismo**. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 301-312.

KÜSTER, Hansjörg. **Geschichte des Waldes: von der Urzeit bis zur Gegenwart**. München, Beck, 2013. 266 p.

LALLEMANT, Robert Avé. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo Ed. da USP, 1980. 416 p.

LUEBKE, Frederick C. **Germans in the New World: Essays in the history of immigration**. Urbana: University of Illinois Press, 1990, 198 p.

NODARI, Eunice Sueli. “Mata branca”: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem no Estado de Santa Catarina. In: KLUG, João; NODARI, Eunice Soeli. **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 35-53.

NODARI, Eunice S. Florestas em territórios de fronteira: Sul do Brasil e Misiones na Argentina. *Revista de História Regional*, v. 20, n. 2, p. 300–316, 2015.

PISKORSKI, Jan M. Medieval colonization in East central Europe. In: INGRAO, C. W.; SZABO, Franz A. J (Org.). **The Germans and the East**. West Lafayette, Ind.: Purdue University Press, 2008, p. 27–36.

RELLY, Eduardo. Paisagem cultural e patrimônio da imigração alemã no Brasil meridional: por uma floresta das migrações. In: **IV Jornadas Mercosul: Memória, Ambiente e Patrimônio**, 2016, Canoas. Anais do IV Jornadas Mercosul. Canoas: La Salle, 2016, p. 48-61.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 806 p.

SCHAUREN, Décio Aloísio. **A busca das origens: história e genealogia da família Schauen**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, 2004/jul./dez., n. 22, p. 149–197, 2004.

SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Tempo e Espaço Guarani: Um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentação pré-colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 31–56, 2017.

UMANN, Josef. **Memórias de um imigrante boêmio**. 3. Ed. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 1997. 108 p.

TÖNNIES, Ferdinand. **Gemeinschaft und Gesellschaft: Grundbegriffe der reinen Soziologie**. Berlin, Curtius, 1920, 215 p.

VOGT, Olgario Paulo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. 2006. 435 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Unisc, Santa Cruz do Sul, 2006.

WAIBEL, Leo. Principios da colonização europeia no sul do brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, XI, n. 2, p. 159–222, 1949.

WEIMER, Günter. **A arquitetura da imigração alemã**: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; São Paulo: Nobel, 1983. 296 p.

WEIMER, Günter. Hunsrücker in Süd-Brasilien oder: wo ist das deutsche Dorf geblieben? **Landeskundliche Vierteljahrsblätter**, v. 34, p. 109–118, 1988.

WEIMER, Günter. Arquitetura popular dos imigrantes: um estudo comparativo. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza; POZENATO, Jose Clemente (Orgs). **Cultura, imigração e memória**: percursos e horizontes. Caxias do Sul: Educs, 2004, p. 109-123

ZARTH, Paulo Afonso. Agricultura e impactos ambientais no planalto do Rio Grande do Sul. In: KLUG, João; NODARI, Eunice Soeli. **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 54-76.

Recebido em 14/07/2017.

Aceito em 16/08/2017.